

REPUBLIQUE TOGOLAISE

TRAVAIL-LIBERTE-PATRIE

MINISTÈRE DES AFFAIRES ÉTRANGÈRES, DE LA
COOPÉRATION, DE L'INTÉGRATION AFRICAINE
ET DES TOGOLAIS DE L'ÉTRANGER



REPÚBLICA TOGOLESA

TRABALHO-LIBERDADE-PÁTRIA

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, DA
COOPERAÇÃO, DA INTEGRAÇÃO AFRICANA E
DOS TOGOLESES NO EXTERIOR

COMUNICADO DE IMPRENSA

RELATIVO À CELEBRAÇÃO DO ANO NOVO AFRICANO

Em todo o mundo, os povos conseguiram preservar, ao lado do sistema universalmente reconhecido, os seus próprios sistemas de contagem do tempo como marcadores de uma identidade própria. Este sistema de governança do espaço e da vida fixa os tempos de celebração dos eventos maiores e calibra a marcha do mundo segundo uma cosmogonia.

A África, berço da Humanidade e da civilização, tinha, na sua diversidade e complexidade, um ciclo calendário endógeno e uma simbólica dos eventos sociais maiores. Este ciclo forjou durante séculos a cosmogonia africana e ritmou a organização interna das sociedades africanas. Existiria, por exemplo, uma ligação histórica entre o calendário solar oficial do Antigo Egito, estabelecido há mais de cinco mil anos, e certas festas tradicionais celebradas em África, tais como a **«tomada da pedra sagrada»** que marca o início de um novo ano no país Guin, no Togo, **«Umlanga»**, a dança dos Caniços celebrada periodicamente em alguns países do Sul da África, **«Umuganuro»** celebrando o solstício no Burundi, substituído hoje pela festa cristã do Natal, **«Yennayer»**, o Ano Novo berbere celebrado no Norte da África...

Mas o curso da história e a trajetória ascendente do progresso da África foram brutalmente e duravelmente perturbados pelas deportações que dispersaram para além dos mares as forças vivas da África e pela irrupção colonial nos sistemas endógenos de governança social, económica e política dos povos africanos. Pela sua extraneidade cultural e pela sua brutalidade, estas intrusões reconfiguraram o ciclo dos eventos sociais e fizeram perder à África os seus referenciais e a sua identidade próprios.

É o caso do calendário gregoriano imposto às nações africanas durante a colonização. À semelhança das fronteiras lineares que dividiram o continente e cujos estigmas muitas populações e línguas ainda hoje carregam, este calendário gregoriano ignora os ritmos endógenos e os ciclos naturais ou culturais consagrados que definem intrinsecamente a identidade africana.

A celebração de tantas festas, datas e eventos essencialmente estranhos ao universo cultural e simbólico africano, isto independentemente da microcultura africana considerada, faz da África o espelho perpétuo de um mundo cujos

códigos são desconhecidos das suas populações, e o teatro de uma intensa troca intercivilizacional onde a sua identidade e os seus particularismos culturais são conscientemente ignorados.

Esta mutação calendarial, aparentemente anódina, alterou profundamente a divisão do tempo e a organização dos eventos maiores, eles próprios calibrados sobre ciclos dominados e próprios do espaço africano. Seguiu-se uma aculturação e uma perda de identidade própria dos Africanos que, mergulhados num sistema concebido para o espaço ocidental, têm dificuldade em adaptar-se ou em afirmar-se.

Num contexto contemporâneo marcado pela mudança da ordem mundial e pela emergência progressiva de uma ordem multipolar que erige, entre outros, o respeito pela diversidade como base do equilíbrio do mundo e motor de uma prosperidade partilhada, e onde a África procura afirmar-se como uma potência autónoma, torna-se imperativo para a África reabilitar o seu sistema histórico de divisão do tempo e de fixação das festas tradicionais e das suas datas-chave, incluindo o **ANO NOVO AFRICANO**, e elevá-los ao nível do património universal comum, à semelhança de outros povos do mundo, tais como os da China, de Israel e da Índia que celebram respetivamente o «**Chūnjié**» ou **Ano Novo Lunar**, o **Rosh Hashaná** e o **Diwali** no norte da Índia, e os da Etiópia que constituem uma exceção em África com o seu Ano Novo denominado «**Enkutatash**» .

A este respeito, o Togo, que assume a presidência do Alto Comité sobre a Década das Raízes Africanas e da Diáspora Africana, propõe-se iniciar, em colaboração com a União Africana, reflexões com os especialistas africanos e da diáspora, com vista a propor as datas de celebração das festas africanas, em particular a data do **ANO NOVO AFRICANO**, baseando-se nos referenciais histórico, cultural e religioso africanos.

O Togo prevê, para este efeito, organizar um colóquio internacional sobre esta temática em Lomé, numa data que será comunicada muito proximamente. As conclusões e recomendações deste colóquio serão transmitidas à Comissão da União Africana para serem objeto de uma decisão e de uma implementação subsequente.

Convém, por outro lado, sublinhar que o lançamento hoje desta iniciativa se inscreve no quadro da implementação de uma das recomendações emblemáticas do 9º Congresso Pan-Africano realizado em Lomé, de 8 a 12 de dezembro de 2025, a saber, a descolonização das mentes e a reinvenção de si mesmo, e responde às expectativas profundas dos Povos africanos de ver o seu continente afirmar-se como uma potência autónoma que se autoreferencia e define o seu próprio caminho de desenvolvimento.

Feito em Lomé, em 24 de fevereiro de 2026